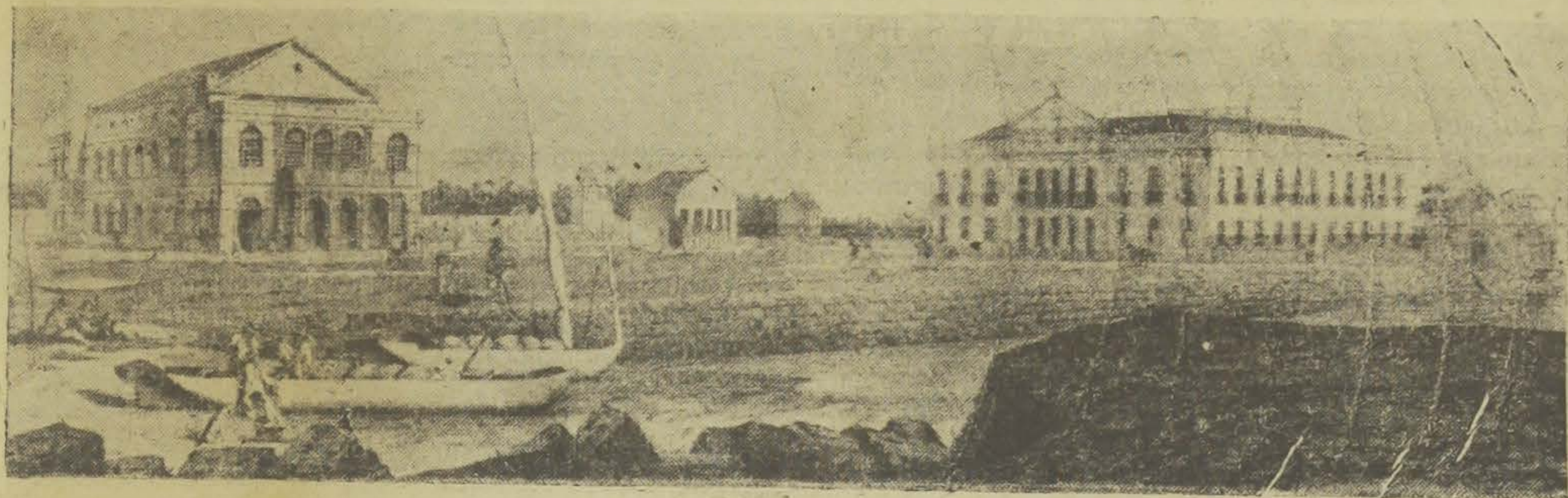


Correio das Artes

Ano 1 Número 29 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 9-10-1949



O TEATRO STA. ISABEL AO TEMPO DA CRIAÇÃO DO CONSERVATORIO DRAMATICO

CHOPIN VIVO

JOÃO DA VEIGA CABRAL

"Chopin, longe de sobrecarregar de notas suas emoções, á moda de Wagner, por exemplo, sobrecarrega de emoção cada nota".

André GIDE

Não posso assegurar que não se trate de uma simples anedota, mas Van der Velde conta como um "episódio" da vida de Chopin a seguinte ocorrência:

Uma noite, no castelo de Nohant, George Sand reunia amigos, literatos e músicos. O gênial criador da musica poética, então pessoa "da intimidade" da temperamental escritora, bancava, o anfitrião, com toda a estilizada cortezia da época. Lá para as tantas, Chopin, com o intuito de entreter os presentes, propôs se tocassem um pouco de piano. E, a exemplo do que faziam com ele em salões outros, tomou a iniciativa de explorar, desta vez, o talento dos

próprios convidados. Frantz Liszt era um deles e foi o primeiro arrastado ao teclado. O colosso húngaro não se fez rogar. E, de pronto, atacou, á sua maneira e com os exageros virtuosísticos do tempo, um noturno do seu próprio amigo polonês. Com aquele seu tremendo gelião, tocou "prá ninguém botar defeito", como se diz nos dias de hoje. "Enfeitou" de tal maneira a composição que ela saiu mais como uma obra sua do que do seu autor legítimo. Quem não gostou da historia foi Chopin.

Quando a execução da peça ia pela metade, levantou-se, danado da vida, e interrompeu Franz Liszt:

— Pelo amor de Deus, se você quer compor um noturno componha! Mas por favor não desfigure uma obra minha! Só Chopin tem o direito de alterar o que Chopin compôs!...

— x —

Acredito — comentando esse fato — que mesmo sem a profusão de "adornos" com que o virtuosismo exuberante, impulsivo, brilhoso do célebre pianista senhorizou

a tão doce composição do seu colega, ele não seria o homem indicado para interpretá-la. O seu temperamento de boêmio dos quatro costados disso o afastaria. Porque a interpretação de toda a obra de Chopin pede, exige, antes de tudo, identidade de técnica, identidade de temperamento, identidade de concepção artística, correspondência emotiva, de coração e de espírito. Muito pouco ou nada disso poderia existir entre os dois grandes músicos, de origens, caracteres, educação e estilos tão diferentes, mesmo opostos. A falta dessas qualidades no executante de Chopin, leva-o, na certa, a desfigurar a obra do grande mestre, justamente no que ela tem de mais sutil, de mais pessoal, de mais característico da sua lavra original. Isto é o que justamente torna a sua criação musical difícil, muito difícil mesmo de uma leitura autêntica, honesta e persuasiva da obra interpretada. Frederico Chopin, o poeta,

TRISTEZA

PERYLLO DOLIVEIRA

TRISTEZA, MINHA AMIGA, EU NÃO ME ILUDO
SENTINDO-TE DE PÉ, BEM JUNTO A MIM,
NUM SILENCIO DE PAZ E DE VELUDO...

HA MUITO TEMPO QUE EU TE VEJO ASSIM,
PÁLIDA, AUSTÉRA E, COM TEU LÁBIO MUDO,
PONDO EM MEU LÁBIO UM ÓSCULO SEM FIM.

E NO TEU SILENCIO ACOLHO-ME, TRISTEZA,
ENQUANTO O MUNDO TUMULTUA EM FESTA

PORQUE ES NA MINHA VIDA DE INCERTEZA
A ÚNICA VENTURA QUE ME RESTA.

o patriota que sofria na sua própria carne a dor da pátria escravizada, o amoroso martirizado, o físico a espera de um fim próximo, "servia-se da arte para dar a si mesmo a própria tragédia", no dizer do seu grande amigo Liszt. E, a essa tragédia, só as mãos guiadas por um coração de poeta poderão arrancar de um teclado. Bem entendido, porém, que essas mãos dispõem de habilidade técnica apuradíssima, um domínio absoluto e perfeito do mecanismo pianístico, macieza digital de carícia amorosa, ao mesmo tempo que capacidade, possibilidades de mutações sonoras representativas de reflexos psíquicos que possam variar de um quasi imperceptível suspiro de resignado sofrer aos mais potentes brados de revolta ou desesperado heroísmo. Sempre foi uma das coisas mais sérias em música o fazer-se sair Frederico Chopin de dentro da caixa harmônica de um piano forte, para dizer com aquele seu sorriso tristonho:

— Eis-me aqui, senhores. Ouçam-me e sintam-me...

E' de um seu contemporâneo — o célebre pianista Marmontel — este testemunho insuspeito: "Chopin possuía uma arte maravilhosa para modular o som, um modo pessoal de ativar o teclado e efeitos de sonoridade de uma fluidez vaporosa que só ele conhecia. Nenhum pianista antes dele empregou os pedais separadamente ou juntos com tanta arte e habilidade".

Oh, os pedais na música de Chopin! Só a gente ouvindo um Alexandre Brailowsky, um Artur Schnabel para, talvez de longe, compreender aqueles "efeitos de sonoridade", aquela "fluidez vaporosa" aos quais se referia Marmontel...

— x —

Disponemos, em obras

várias, de dezenas de testemunhos de artistas que viveram ao tempo do grande compositor das polonaises e que depõem sobre as infinitas sutilezas da arte chopiniana e nos quais se entrevêem as imensas dificuldades que tornam quasi impossível a sua perfeita reprodução por parte de executantes outros. Dessas opiniões insuspeitáveis e das emitidas pelos mais eminentes musicólogos da atualidade, a gente depreende que existe, nos tempos de hoje, vários e excelentes intérpretes dessa obra portentosa, porém que esses constituem um grupinho de poucos eleitos, em poucos países...

Tocam muito Chopin, nos dias que correm, mas... cadê ele?...

CARVAJAL QUESADA, em sua criteriosa e bem informada HISTORIA DE LA MUSICA EUROPEA Y AMERICANA (Ed. Nacar — Buenos Aires — 1944) afirma que Cho-

pin, tão querido, é constantemente "maltratado" "por quanto, sin llama interior, sin concepto ni sentido, todo egresado de conservatório es un a menudo aporreador de la sutileza infinita del gran músico".

O diabo é que, apesar dessa "sutileza infinita" e de tantas outras complicações que o tornam fora das possibilidades da maioria dos pianistas, Frederico Chopin é, hoje, o mais executado e o mais popular de todos os compositores dos períodos Clássico e Romântico... Adoram-no, simplesmente, em toda parte, e por isso o tocam, bem ou mal, errado ou certo, ele ou a negação dele. Mas... com toda a força dos dedos e todo o amor do coração. Aqui, acolá, um seu admirador acerta um caminho menos errado, sente, intue a sua mensagem sonora e forceja para reproduzi-la ao teclado. E nos chega á mente —

ao ouvi-lo — qualquer coisa daquela estranha música de uma estranha alma, como nos vêm às narinas deliciosas os átomos de um perfume caro que se escapam de um frasco fechado...

Maltratam-no, sim, como diz o Quesada, e muito — pensamos nós. Mas isso, é bem verdade, porque o amam muito, o amam cada vez mais, agora mais que nunca, cem anos decorridos da madrugada triste em que, ouvindo pela última vez uma canção, cerrou para sempre os grandes olhos martirizados...

Maltratam-no — isto é paradoxalmente lógico... — por que lhe querem um bem que cresce cada dia que se passa. E ainda porque vive. Os maltratos que ele sofre, no espírito e na carne da sua arte, são o preço da sobrevivência e da glória que pagam, sempre, todos os grandes gênios da Música universal.

Significam — e esse significado apaga todas as injúrias — que Frederico Francisco Chopin não morreu às 4 horas da manhã do dia 17 de outubro do ano de mil oitocentos e quarenta e nove...



BANDO N.º 8



Viajou, quinta-feira última, ao Recife, de onde seguirá para o sul do país, em viagem de recreio, o orientador deste suplemento, poeta Edson Regis, que se demorará por algumas semanas.

Durante a sua ausência, assumiu a direção de CORREIO DAS ARTES, o nosso companheiro de redação Eduardo Martins.

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDUARDO MARTINS

Redatores:

CARLOS ROMERO — DULCÍDIO MOREIRA

GEORGE MATTOS — JUAREZ BATISTA

MAIS um número de BANDO, mensário cultural dos novos potiguares, encontra-se em nossas mãos.

Dirigida por uma turma entusiasta e que leva a literatura muito a sério, BANDO é uma publicação que melhora dia a dia.

E' de notar-se na referida revista a pontualidade com que se apresenta nas bancas e livrarias, trazendo seleta colaboração e agradável aspecto tipográfico.

MODERNISMO BRASILEIRO

GUILBERT MACEDO

É muito raro uma pessoa reunir simultaneamente as qualidades de homem de ação e homem de pensamento. O sr. Antonio Franca, escritor de vanguarda e militante político ativo e consequente pode ser, sem nenhum favor, considerado uma dessas poucas pessoas, em nosso meio provinciano.

Parece que a sentença de Materlinck é a sua divisa: "o pensamento pode ser excelente coisa, mas a realidade principia na ação".

Não diremos que o pensamento do escritor pernambucano se recomenda pela originalidade, pela genialidade, ou mesmo por uma forma superior de expressão ou aprimorada de estilo.

Ao contrário, quanto a este último, mostra-se descuidado, revelando sensível desprezo pela forma, conquanto procure ser honesto para com a idéia que orienta todo o seu trabalho de pensador e para a qual tem uma fidelidade de amante apaixonado.

O escritor Antonio Franca filia-se á corrente marxista e procura na sua obra interpretar os fatos á luz dos ensinamentos do materialismo histórico.

O seu último livro "Modernismo Brasileiro", feitas as ressalvas quanto ao seu estilo apressado, que no entanto não chega a comprometer a clareza do seu pensamento, serve para revelar que também a sua ação política, consequência lógica da sua posição intelectual, tem sofrido avanços e retrocessos e curiosos zigzags que bem exteriorizam as perplexidades do seu espírito face aos problemas políticos dos nossos dias, tão comple-

xos, tão nebulosos, até mesmo para aquelas inteligências que supõem possuir a Verdade por inteiro, extraída com lógica fria dos conhecimentos positivos do materialismo dialético.

"Modernismo Brasileiro", de publicação recente, é um ensaio destinado a suscitar profundas controvérsias, pelas suas formulações e soluções apresentadas, esquematicamente, a problemas da amplitude e importância da interpretação revisionista da história pátria, da reforma agrária, nacionalização do petróleo, democracia popular, luta contra o imperialismo e vários outros. Sem falar nas irreverências dirigidas contra o caudilho Prestes.

A magnitude dos pro-

blemas políticos e econômicos, estudados sucintamente em "Modernismo Brasileiro", não permite, nesse ligeiro registro, uma análise mais aprofundada dessa obra, o que demandaria uma leitura mais vagarosa e meditada do ensaio do escritor conterrâneo.

O mérito principal do sr. Antonio Franca é trazer para debate assuntos da seriedade daqueles já citados, com o que se revela um escritor a serviço do povo e em oposição aberta aos escritores das classes dominantes.

As linhas gerais de "Modernismo Brasileiro" são aceitáveis, podendo-se discordar com razão de algumas conclusões do autor, ressaltando sempre a sua honestidade intelectual e o seu

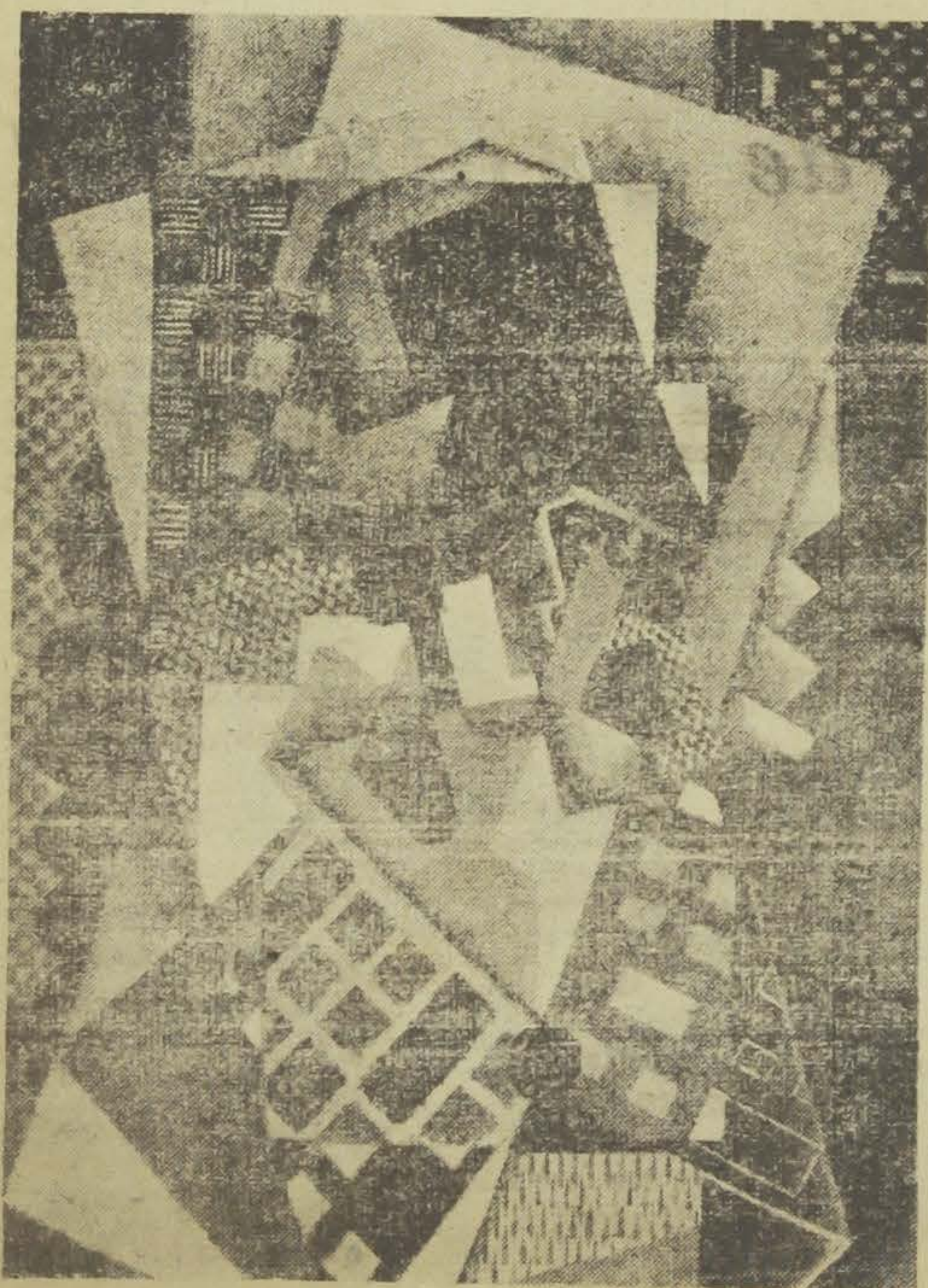
desejo de atuar como escritor de vanguarda a serviço do povo, da democracia e da sua pátria.

A transcrição que fazemos em seguida é u'a mostra do seu estilo, por vezes panfletários, que trai a técnica do antigo manipulador de manifestos subversivos, e que demonstra ter muito orgulho nas suas atividades revolucionárias passadas, tanto que é publicada na orelha da capa do seu livro uma relação retrospectiva das suas prisões por motivo de convicção política:

"Se povo somos todos em grande maioria: operários das cidades, trabalhadores do campo, comerciários, bancários, industriários, médicos, advogados, engenheiros, agrônomos, funcionários, professores, comerciantes, lavradores, roceiros e artífices — como se explica que tão docilmente soframos a cruel e implacável desdita de ceder á opressão de uma facção inepta, cuja preocupação maior é defender interesses contrários á coletividade e ao país, por cegueira, crueldade, ou cálculo?!"

Em seguida a este trecho o sr. Antonio Franca indaga se a culpa de todos os males econômicos e políticos do Brasil podem ser atribuídos ao imperialismo e concluindo pela afirmativa responsabiliza também "a divisão das forças democráticas e a insegurança dos seus líderes" como fatores solidários no agravamento dos nossos problemas fundamentais.

"Modernismo Brasileiro" é um livro digno de leitura atenta e está o merecer uma crítica mais profunda, extensa e também construtiva.



MAETZINGER — ARLEQUIM

Democratização e Nacionalização Cultural e Literária

ADAUTO ROCHA

NÃO obstante a evolução do espírito em todos os sentidos, as Academias de Letras, tanto na metrópole do país como nas províncias, continuam ainda atreladas aos preconceitos e veleidades rigorosamente academicistas do passado.

Moldadas ao feitiço da celebre Academia Francêsa todas elas pouco sentido democrático evoluído tem apresentado através dos tempos.

Os tabús, os bolorentos monopolizadores da erudição e das letras, conservam sempre as características empedernidas de quem vive indiferente aos surtos progressistas da civilização e da cultura social.

Com esse retrogradismo intelectual, os "imortais" ou candidatos às Academias de Letras, impõem-se mais pelo encanecimento e engilhamento da fisionomia, ou pelo formalismo de uma ilustração acadêmica, do que, propriamente, pelo valor real de uma cultura popularmente formada.

Essa retrograda condição antidemocrática definhadora do espírito acadêmico, tem emprestado às Academias de Letras um sentido de inacessibilidade a muitos intelectuais cuja formação culturalmente revolucionária colida com a mentalidade conservadora dos pretenciosos detentores da sabença bolorizada.

Reagindo, energicamente, contra velharias e preconceitos culturais e literários dessa natureza, surge o movimento encabeçado pelos espíritos renovadores do pensamento literário, cuja propagação tem empolgado todos os recantos do país.

Uma guerra construtiva aos moldes clássicos que ainda repontam no panorama literário brasileiro, vem sendo vitoriosamente travada, em todos os quadrantes, visando à democratização cultural contra o estulto dogmatismo intelectual dos decadentes tabús.

Revistas e jornais modernistas, vanguardistas, estão sendo editados em vários Estados da Federação, onde se processa um vigoroso movimento pela real emancipação cultural e literária brasileira.

A' semelhança do que acontece no Pará, no Ceará, em Pernambuco, no Rio Grande do Sul e noutras Províncias, a Paraíba do Norte, berço de notáveis poetas e escritores, novos e velhos, também reagiu promissoramente.

"Correio das Artes", um magnífico suplemento literário de "A União", órgão oficial do governo paraibano, é uma demonstração exuberante do expressivo surto de renovação literária e cultural que se vem processando na terra dos Tabajaras.

Através das suas colunas, desfilam uma pleiade notável de intelectuais novos, contistas apreciáveis como Carlos Romero, cronistas equilibrados como Aderbal Jurema, ensaístas vitoriosos de envergadura do jovem escritor Lopes de Andrade, autor de interessante ensaio sociológico, poetas modernistas do tipo a Edson Regis, e de tantos outros que estão revolucionando os quadros literários e culturais da Paraíba.

Enquanto se opera, lá fora, um movimento tão fascinante assim, no Amazonas, onde também existem alguns valores moços bem apreciáveis, tudo permanece quieto, quasi indiferente ao sopro renovador que se oclatra dominantemente em outros centros.

Cabe aos jovens amazonenses também reagirem, neste sentido, para que não fiquem á margem dos acontecimentos culturais que se desenrolam no Brasil inteiro.

Mãos á obra!

2 Poemas de BALDOMIRO SOUTO

I

Amiga,

Tenho as pálpebras pesadas de sono.
Mas o coração está carregado de sonhos.
Doces sonhos de amor.

Caminho perdido na noite sem luar,
na escuridão sem estrelas.

As estrelas e a lua fugiram
deixando o céu deserto de luz.

Meu coração também fica deserto e triste,
sem a luz do teu amor.

Caminho dentro da noite escura
caminho em tua busca

como se pudesses me restituir
a ausente poesia do luar

ou o brilho vacilante das estrelas que eu amo.

Infelizmente é uma jornada inútil essa que em-
[preendo

dentro da noite, sem luar e sem estrelas.

Não poderei adormecer com a cabeça apoiar-
[da no teu seio.

E meus lábios queimados pelos desejos frustrados
não sentirão o contacto refrescante do teu beijo.
Iludo-me a mim mesmo e vou á tua procura.
Doce e triste ilusão.

II

Não extranhes o meu silencio.

Nem me perguntes porque estou triste.

Sabes, melhor do que eu, porque estou triste
porque estou silencioso.

Não adianta falar, se as palavras não resol-
[vem nada.

O jeito é ficar imóvel, olhando para longe.

Quando estou contigo o olho para a distancia,
quando menos pareço junto de tí,

quando uma sombra de melancolia desce so-
[bre mim

e meus lábios permanecem, Intransigentemente
[te, cerrados,

é então que te quero como nunca,

te desejo com a maior das ansiedades.

Não adianta dizer nada.

As tímidas carícias de meus dedos tremulos
sobre teu corpo

E meus lábios queimados pelos desejos frustrados
[meu olhar

falam mais do que todas as palavras de amor
que gostarias tanto de ouvir...

CHARLES CHAPLIN E O TEMPO

NEY GUIMARÃES

Um considerável número de elementos tem aparecido nas telas cinematográficas, desde o início da fotografia em movimento, e a sua celebridade tem sido de curta duração. Nenhum deixa, da sua passagem, uma recordação bastante viva, salvo Charles Chaplin, que se mostra sempre em evidência, assumindo novos aspectos de valor a cada apresentação que realiza. E tamanha é a sua força que mesmo durante o espaço de dez anos, de 1927 a 1937, quando as suas produções foram as únicas em que os intérpretes não falaram, o seu trabalho se acentuou e a sua personalidade se agigantou. Isso se deu precisamente num momento em que muitas consagrações precisaram deixar Hollywood, apertadas na sua celebridade, por terem sido substituídas por elementos que sabiam falar e cantar.

Um par de botas, cartolina, bengala, bigodinho — dizem muitos — foram suficientes para chamar a atenção sobre esse homem, nascido artista, que se tornou numa das figuras mais populares em todo o mundo e a quem personagens eminentes sempre dedicaram profunda simpatia. Mas é no seu trabalho, através do que nos apresenta nas suas realizações, que reside de fato a sua celebridade, que se veio desenvolvendo, conquistando posição, ganhando maiores forças, logrando a apreciação de todos, a cada nova produção bem ordenada todas e em sucessão melhor acabadas.

A popularidade que o cerca em todo o mundo é enorme e a mais expressiva. Nos mais distantes centros é seu no-

me conhecido, a sua fama uma certeza absoluta. Aliás, sempre que se tratou de verificar, por concurso popular, qual a personalidade mais destacada dos Estados Unidos, entre mortos e vivos, o seu nome apareceu à frente. "Chaplin, na tela, aliviará o gargalhar das multidões dando corpo e alma aos flagrantes grotescos da comédia humana. Ridiculariza com a dor para convertê-la em riso, apalhando a desventura, fixando o cómico das coisas trágicas e o trágico das coisas cómicas".

Imitadores seus, na tela e mesmo fora dela, têm aparecido, mas a sua edição é única, especial, o próprio Charles Chaplin, personificado por Carlitos, inimitável nas suas maneiras e nos seus gestos. Se de começo se preocupou ele demais com o cómico, já em "Homem Armas" se observou alguma coisa nova e vibrante que ficou acima desse particular.

Então já era o maior e o melhor cómico. Daí para cá passou a ser considerado como o único com qualidades e personalidade para se elevar no gênero, dando-lhe relevo. E foi o que se viu, com espanto e satisfação, na sucessão magnífica de espetáculos que vieram desde o "Garoto" até o extraordinário "Em Tempos Modernos". Adquiriram mais consistência as suas qualidades a sua intensidade alcançou o mais alto grau. Em plano superior, está Charles Chaplin à parte dos demais artistas de cinema. "Ele é universal porque é humano. Sua arte é tão completa que atrai as crianças. Diante da sua figura que seria grotesca se não fosse trágica, ninguém consegue permanecer impassível". (José Jobim — "Boletim de Ariel" — Ano V — N.º 9 — Junho de 1936).

"Em Tempos Modernos" constituiu alguma coisa realmente estupenda,

forçando-nos a deduções, tendo-nos apresentado um sentido bastante claro da evolução. Tudo se conduzia em perfeita harmonia com a situação criada pelas condições de trabalho que ainda hoje subsistem, e justamente por isso a estrada larga, livre, no final da película.

Com a sua indumentária, sempre a mesma, desde os velhos tempos, porque "nesses elementos estavam os grandes companheiros de sua glória, os calados trabalhadores do seu renome", Carlitos permanece. Onde se encontram as famosas estrelas de David Wark Griffith e Cecil B. de Mille, as notáveis descobertas de Adolph Zukor, William Fox, Samuel Goldwyn, Carl Laemmle e outros opulentos produtores? Os nomes vieram sucedendo-se, numa série que ainda continua e prosseguirá. As próprias descobertas de Charles Chaplin desapareceram e apenas existe uma recente, cujo des-



José Antonio da Silva — RESSURREIÇÃO DE N. S. JESUS CRISTO

tino será bem igual ao das outras — Paulette Goddard. No entanto, Carlitos subsiste, elevando-se.

Cada especialidade teve a sua fase alta no cinema, através da apreciação e preferência das massas. Todas passaram e com elas numerosos artistas, produtores, diretores, cenaristas. Os filmes seriados obtiveram muitos êxitos; o gênero comédia teve florescência e desenvolvimento, atingindo posição alta graças ao valor não só dos argumentos, como também de alguns artistas de classe, como Wallace Reid, Charles Ray, Raymond Griffith, Constante Talmadge, Dorothy Gish, Viola Dana e William Haines; as produções do oeste norte-americano tiveram igualmente o seu grande momento; e o que ficou de toda essa atividade cinematográfica são apenas ligeiros traços, que o tempo vai pouco a pouco apagando. Verifica-se o mesmo com todos os temas que serviram para exploração pelos produtores de Hollywood e outros centros de cinema. Marcas como a Vitaphone, a Triangle, a Select, a Robertson Cole, a Reoart, entre diversas mais, atravessaram os seus dias de prestígio para depois verem chegada a ocasião de declínio e em seguida desaparecerem. Elementos autorizados como diretores de filmes, Thomas H. Ince, Fred Niblo, Raoul Walsh, George Fitzmaurice, Josef von Sternberg, Herbert Brenon, Clarence Brown, também estiveram nas alturas e, vencida a fase de prestígio, cederam seus lugares a novas figuras. Os centros cinematográficos vão revelando-se para mais tarde destruir esses ídolos. Mas Charles Chaplin continua na sua evolução. Na sua finura não deixa de estar sempre atento a praticar o que diz, que qualquer obra do espírito ou da

alma — da inteligência — precisa envolver uma dor, uma alegria, um tremor de descobrimento afetivo, que contenha em potência um capítulo de homeopatia para alguma doença coletiva. Uma película que careça desse estremecimento, dessa inquietude interior, que há de confundir os auditórios e a ação que se projeta na tela, na penumbra de uma sala, no drama e no amor, na luta e na morte, no riso e no pranto, com uma dose balsâmica de esquecimento do exterior ou do circundante, não dispõe, a seu entender, de substância e de justificação concatenada de sua existência.

As inovações no cinema, como em qualquer manifestação de atividade humana, têm sido muitas. Carlitos tem resistido a todas as novidades introduzidas na ci-

nematografia. Foi o único artista que conseguiu falar sem palavras através de dez anos de cinema sonoro. Distanciava-se do público, recolhia-se para pensar e, quando voltava, a multidão não o tinha esquecido.

"Monsieur Verdoux", agora, veio confirmar, mais uma vez, a grandeza de Charles Chaplin e a admiração em que o têm todos os verdadeiros apreciadores do cinema-arte. É um filme de observação e compreensão da humanidade. Um filme com um tema que nos obriga a pensar com elevação e que nos põe na alternativa de renunciar a tudo ou lutar por um mundo melhor. Porque o mundo de Carlitos, como nos é mostrado em "Monsieur Verdoux", é o que está presente no soneto "Solidão", da poetisa Virginia Vitorino:

Com a chama de minh'alma bem acesa,
num grande sonho alucinado, vim...
Sem ver que o sonho estava só em mim,
e só em mim a fome de beleza!

Atiraram-me pedras. Com surpresa,
vi um dia assaltado o meu jardim...
E os sarcasmos do mundo deram fim
ao que eu julgara cheio de pureza!

Então, sempre sorrindo e perdendo,
mas sempre o mesmo sonho acalentando,
vi que afinal, no mundo, nada existe,

vi que tudo é maldade, cinza e pó...
— E fui ficando cada vez mais só,
e fui ficando cada vez mais triste!

Em "Monsieur Verdoux", como já havia feito em "O Ditador", Charles Chaplin largou as vestes que o celebrizaram. E o que se viu é que, embora elas o tenham ajudado grandemente na gloriosa e maior carreira que o cinema nos apresenta, em cinquenta anos de existência, Charles Chaplin, extraordinário em sua personalidade, as pôde dispensar. É a sua personalidade que essa criatura maravilhosa deve os seus significativos sucessos.

É dessa figura de mar-

cada projeção no cinema e fora dele que o escritor espanhol Manuel Villegas Lopez traça esplendida biografia em seu livro denominado "Carlitos", traduzido por Melo Lima e enriquecido por um muito compreensivo prefácio de Aníbal Machado.

Em que elementos foi Charles Chaplin procurar a beleza, aproximando-nos dos seus gestos, da sua ternura, da sua bondade, das suas ilusões, dos seus desvanecimentos? Na vida. Sim, foi na vida que buscou ele todas as

perspectivas e todas as substâncias. Por essa razão é que desafia ele, sem temor, todos os reacionários. Também por essa razão é que a poesia que está nos seus filmes atravessa o tempo.

Sempre haverá forte clamor em torno do nome de Charles Chaplin, porque as suas realizações se apresentam cheias, de sentimentos, cheias de choque, cheias de ação, cheias de altivez, cheias de expressões de liberdade, cheias de VIDA.

Notícias

"EÇA de Queiroz", por Marques da Cruz: ensaio classificado em primeiro lugar no concurso promovido pelo Liceu Literário Português. Gabinete Português de Leitura e Casa dos Poveiros, por ocasião do centenário de Eça de Queiroz.

"A MUSA de um poeta" por Luiz Ferreira Pires: narrativa inspirada na vida e na obra do romântico paulista Paulo Elói.

"SUPERSTIÇÕES de São João", por Veríssimo de Melo: autor de vários trabalhos sobre folclore, notadamente de "Adivinhas", publicado no ano passado. A presente "plaqueta" é lançada pela revista "Bando" de Natal, uma publicação de novos.

"SÃO Lourenço, o Mártir" por Synésio Fagundes. Lançamento de "A Montanha", de São Lourenço, Sul de Minas com prefácio do cónego José do Patrocínio Letort.

"AVES do Caca do Estado de São Paulo", por Emílio Varli, com uma apresentação de Agenor Couto da Magalhães. Em apêndice: "Código do Caca", acompanhado de todas as alterações.

Boletim Sentimental da Guerra no Recife

MAURO MOTA

MENINAS, TRISTES MENINAS,
DE MÃO EM MÃO HOJE ANDAIS.
SOIS AUTÊNTICAS HEROINAS
DA GUERRA, SEM TER RIVAIS.
LUTASTES NA FRENTE INTERNA
COM BRAVURA E DESTEMOR.
A VITÓRIA ALIADA DESTES
O SANGUE DO VOSSO AMOR.

POR RECONDITAS FERIDAS,
NÃO GANHASTES AS MEDALHAS,
TERMINADAS AS BATALHAS
DE GLORIAS INCOMPREENDIDAS.
ERIEIS TÃO BOAS PEQUENAS,
ERIEIS PEQUENAS TÃO BOAS!
DE VARIAS NUANCES MORENAS,
Ó FILHAS, DE PERNAMBUCO,
DA PARAÍBA E ALAGOAS.

TINHEIS DE QUINZE A VINT'ANOS.
TIPOS DE COLEGIAIS,
DIANTE DOS AMERICANOS,
DOS GARBOSOS OFICIAIS
E O SEGUNDO "TEAM" VASTO
DOS FUZILEIROS NAVAIS
PRONTOS A ENTREGAR A VIDA
PARA CONSEGUIR A PAZ,
VARRER DA FACE DO MUNDO
REGIMES DITATORIAIS
E DEMOCRATIZAR TODOS
PAÍSES CONTINENTAIS
A COMEÇAR PELOS SEXOS
DAS MENINAS NACIONAIS.

INICIOU-SE ENTÃO A FASE
DE TREINO E CONVOCAÇÃO
TODOS OS DIAS NA BASE.
AH! COM QUE PRESSA APRENDIEIS
SÓ PELA CONVERSA QUASI!
DENTRO DE MENOS DE UM MÊS.
SABIEIS FALAR INGLÊS.
E OS PRESENTES? OS PRESENTES
ERAM VOSSA TENTACÃO.
COUSAS QUE CAUSAVAM ÀQUI
INVEJA E ADMIRAÇÃO.
BOLSAS PLÁSTICAS, A BLUSA
DE ALVAS RENDAS DE HAWAII,
BICICLETAS MADE IN USA,
VERDES ÓCULOS RAY BAN.
ERA UM PRESENTE DE NOITE
E OUTRO DADO DE MANHÃ,
VERDADEIRAS MARAVILHAS
DA INDÚSTRIA DE TIO SAM.

E AS PROMESSAS? AS PROMESSAS
ERAM VOSSA SEDUÇÃO.
ACREDITAVEIS QUE ELAS
NÃO ERAM MENTIRA, NÃO.
UM "FRAZER" NO ANIVERSÁRIO,
PASSEIOS DE "CONSTELLATION",
NUM PULO ALCANÇAR MIAMI,
ALMOÇAR NA CASA-BRANCA,
DESCER NA QUINTA-AVENIDA,
FAZER "PIQUET" PELA BROADWAY,
VER A "PREMIÈRE" NA CINE

JUNTO DOS ARTISTAS, COM
ELES TODOS NA PLATEIA.
OUVIR, NA "OPERA HOUSE",
NUMA NOITE, TOSCANINI,
NA OUTRA NOITE, LILI PONS.

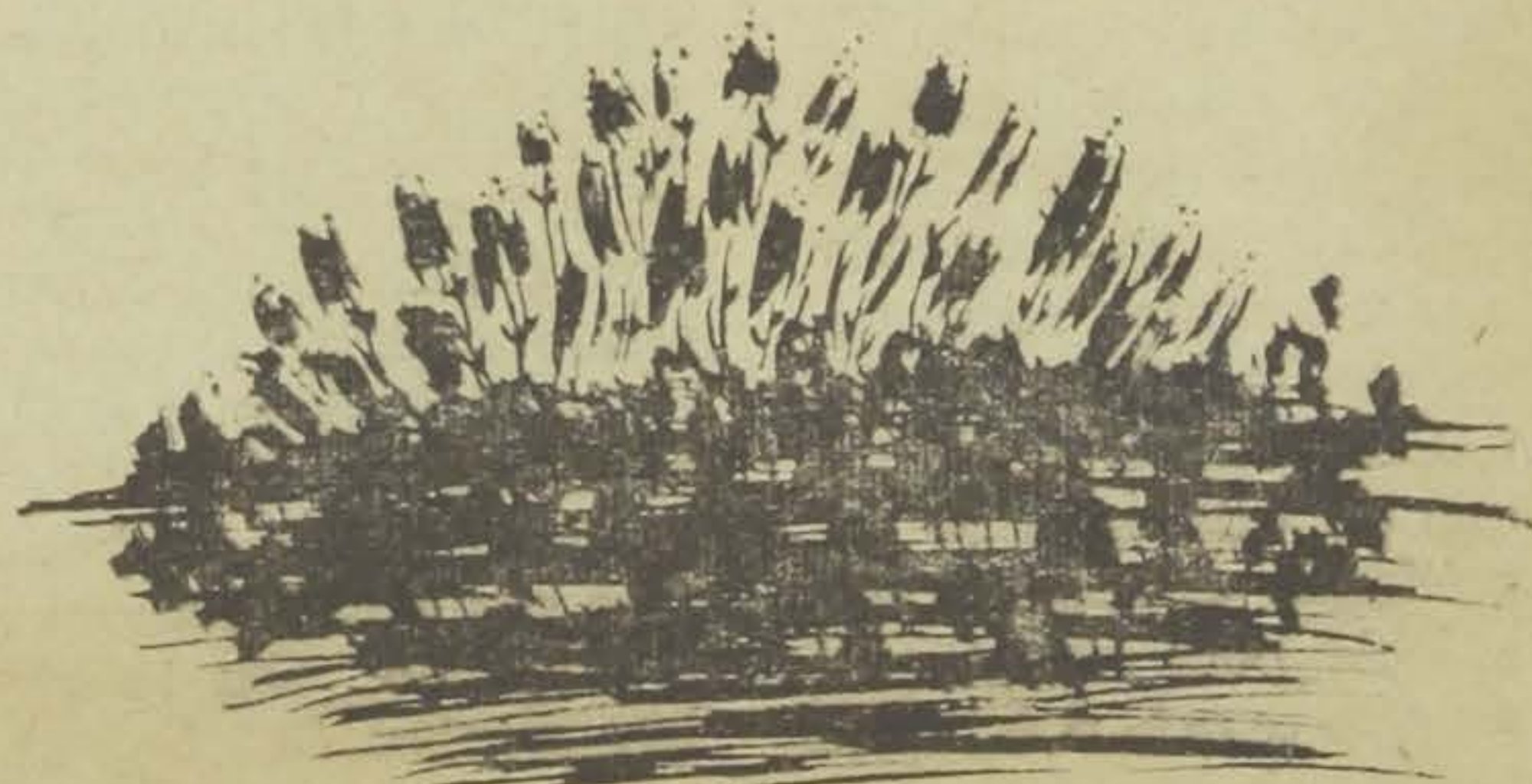
COM TANTO "IT" E JUVENTUDE
PODERIEIS TESTES GANHAR,
SER ESTRELAS DE HOLLYWOOD,
CIUMES DE HEDDY LAMAAR.

AH! BOM TEMPO EM QUE CORRIEIS
"PÉS DESCALÇOS, BRAÇOS NÚS,
ATRÁS DAS ASAS LIGEIRAS
DAS BORBOLETAS AZUES".
Ó PREMATURAS MULHERES
FOSTES NA VELOCIDADE
DOS "JEEPS" ÀS "GARÇONNIERES"
NA PRAIA DA PIEDADE.
QUASI QUE SE REBENTAVAM
VOSSOS UTEROS INFANTIS
QUANDO VEIO O TELEGRAMA
DA TOMADA DE PARIS.

INGENUAS MENINAS GRAVIDAS,
O QUE É QUE FOSTES FAZER?
APERTAI BEM OS VESTIDOS
P'RA FAMÍLIA NÃO SABER.
QUE OS INDISCRETOS VIZINHOS
VOS PERCAM TAMBÉM DE VISTA.
SAISTES DO PEDIATRA
PARA O GINECOLOGISTA.

"BABIES" SAXONISADOS—
QUE SÓ MAMAM VITAMINAS,
SÃO VOSSO "BABIES" MENINAS,
EM VÁRIOS CANTOS GERADOS,
NAS "MAPPLES" DOS AUTOMOVEIS,
NO INTERIOR DAS CANTINAS,
DA PRAIA NA BRANCA AREIA
NAS NOITES SEM LUA CHEIA.

MENINAS, TRISTES MENINAS,
VOSSOS DRAMAS RECORDAI
QUANDO ELES NO ARMISTÍCIO
VOS DISSERAM "GOOD BY".
OUVIRIEIS A VIDA TODA
A RESSONÂNCIA DO CHORO
DOS VOSSOS FILHOS SEM PAI.



ORAÇÃO DO TEU POVO

PALMIRA WANDERLEY

DA montanha, onde estás iluminado,
Sob um céu, estrelando, em côr de anil,
O Cristo Redentor! — do Corcovado,
Escuta a minha voz,
Que é a voz do povo teu sacrificado...
E estende mais teus braços para nós!...
E abraça mais de perto o teu Brasil!

A noite é mais escura, o mundo está mais triste!
Não há sossego mais, nem amor, nem carinho!...
Em busca da ventura, — onde a mentira existe,
Fogem os homens, Senhor, da luz do teu caminho!!

A guerra não findou!... A escuridão é imensa!...
A vida é horrendo vácuo de ideais...
Os irmãos não se entendem; a treva humana é densa!
Longo de ti, Senhor! Não é possível a paz!...

A Pátria está descrente da Esperança,
Os homens não tem fé, não se faz oração...
O lar está vazio de criança,
Não há temor de Deus, nem lírio em floração...

Parêja a impiedade, a candidez dos lares,
Já não se crê no Céu, — no teu alampadário...
A doutrina pagã macula os teus altares
E começa arrancar a cruz do santuário.
Vê, que desolação, Senhor! Que dor tamanha!...
Temos sede de luz, temos fome de pão!...
— Nas águas não há peixe; o vento não qmanha,

A boca está vasia
E mesquinho de afeto é o coração!

O povo não tem nada!... A adega não tem vinho;
Há cilada e perigo...
Em toda parte, o espinho;
Não se diz mais irmão, não se conhece o amigo;
O homem não tem rumo; a terra é como estranha;
Não há leite, nem linho;
No hostiário dos campos, não há trigo;
Está faltando alpistire ao passarinho!

Se bem se faz com o mal logo se cobre...
No catre, só há dor!...
O pobre está mais pobre,
Não há mel no apiário; as plantas não dão flor...

O desespero irrompe e a tempestade assanha;
Tudo é vingança e odio, interesse e rancor,
Só existe ambição onde existia amor!...
Vem pregar, novamente, o sermão da montanha,
O Cristo Redentor!

Vem fazer outra vez florescer a alegria,
O Cristo Imaculado!
Na harmonia dos seres e das coisas,
Na beleza da vida, sem pecado.

De ti é que nos vem força Divina,
De ti, miraculoso da esperança!...
O amor do Padre Nosso nos ensina
E a sublime lição da Bemaventurança.

DEPOIMENTO

O crítico Almeida Salles, um dos valores da nova geração de escritores brasileiros, reside em São Paulo e faz parte do grupo que dirige a revista *Colégio*. Está escrevendo uma *Introdução ao Romance Moderno — James Joyce*. Abordado sobre o movimento literário em São Paulo, o jovem escritor prestou as seguintes declarações à imprensa bandeirante:

— O movimento literário em São Paulo possui uma característica curiosa: o que se vem escrevendo e publicando não está em proporção com a intensa atividade dos grupos existentes e com as possibilidades já demonstradas de vários elementos representativos. Talvez seja isso um bom sinal: a indicação da existência de capacidade criadora, mas contida pela consciência de que a arte é fruto da

experiência e de uma longa abdicação.

E prosseguindo:

— De qualquer maneira, a geração de 40, que foi exclusivamente crítica e que se expressou através da revista *Clima*, parece que vai suceder uma geração criadora, que, no momento, se tem afirmado mais na poesia do que na ficção. Da geração de 22 — continua Almeida Salles — as figuras que mais influência exercem são Sergio Milliet e Osvaldo de Andrade. Sergio com a sua cordial e intensa ação de presença, sempre ao lado de todos e sensível a tudo o que acontece, e procurando reduzir a termos de compreensão a atividade literária dos novos; e Osvaldo de Andrade com seu brilho pessoal e a força do seu talento imaginativo. Do grupo de

Clima, Antonio Candido é uma instância decisiva com a sua honestidade intelectual, a sua cultura alertada e constitui uma figura representativa dessa nova atitude de pesquisa e de estudo objetivo dos problemas da cultura brasileira, que é típica da geração de 40. Lourival Gomes Machado é, também, do grupo de *Clima*, outro que influencia estimuladora e orientadora exerce, mais no plano das artes plásticas e do teatro.

Concluindo suas declarações, disse Almeida Salles:

— A esperança de que a atividade literária paulista se efetive num grande surto criador vem sendo alimentada agora pela aparição de revistas de cultura como *Colégio* e *Revista Brasileira de Poesia*, reveladoras

de valores autênticos. É preciso ressaltar ainda o estímulo que um José Geraldo Vieira e um Sergio Buarque de Holanda, vem dando á formação de um espírito crítico e criador entre os novos de São Paulo.

NOTÍCIAS DO RIO-LITERÁRIO

ALVARO Moreyra vai editar novamente o "Paratocos", que circulará semanalmente. O poeta Léo Ivo está em São Paulo, onde realizou uma conferência sob os auspícios do Clube de Poesia. Viajantes: o editor Mauricio Rosenblatt foi a Porto Alegre; Jorge Lacerda, diretor de "Lebras e Artes" foi a Santa Catarina.

Escrevendo sobre o jogo de futebol entre a Flamengo e o Botafogo, o romancista Lins do Rego confessou:

— Não sai na tarde de ventania, de domingo, abafado, inteiramente, pela derrota...

POESIA NOVA

A PROPOSITO DE "RETRATO NATURAL"

REYNALDO BAIRÃO

O último livro de Cecília Meireles ("Retrato Natural", 1949, Rio) me parece a mais irrealizada de suas obras, senão a que menos vingou o que sua autora queria precisar. Essa poetisa, conhecedora da técnica do verso, como poucos aqui entre nós, tentara em "Vaga Música" e "Viagem" uma espécie de volta ao bem-feito, sem alardear nada de sua inovação, sem pretender com isso desprezar o conteúdo de sua poesia. Conteúdo, de resto, sempre importantíssimo, lírico, supranatural, suprarreal, feito de uma ternura sem par ao querer a simplicidade antes de mais nada. Agora, no entanto a autora de "Mar Absoluto", seguindo as pegadas de suas obras anteriores, do contrario de continuar essa produção, sofrendo — me dá a impressão de não procurar ascender mais, preocupada que está, em demasia, com os "caminhos singulares que o sonho apronta"...

Se há grandes qualidades neste seu último livro, qualidades de ordem material; se algumas vezes chega a concepções poéticas das mais puras, como na Canção da página 97, doutras vezes cai num mesmismo aterrador, não só se repetindo, como também abusando de certos temas e imagens. "pontes frágeis da poesia" sua porque as domina pobremente.

Uma de suas preocupações mais irritantes é a morte. Ou o que se relaciona com ela. Ao acaso conta sessenta e um poemas, com esse mesmo tema, num volume de oitenta e três. O

tema é sempre imposto, por subordinação, ao que vem de fora. Ao contrario do que acontece com um Cyro Pimentel, cuja morte é necessidade intrínseca de realização: Morte que vem da saudade de uma vida que ele não conheceu, nem conhece, nem conhecerá, mas que ele busca e anseia. Fora de si mesmo, insubordinado em relação aos demais.

Em Cyro, a morte é a real imprecisão das coisas: vontade transcendental de ir se realizar no amago da própria existência, nele confida. Usufruído, pelo universal, aquilo que Ela dá, para ele, de menos imediato. Em Cecília, ao contrario, a morte é uma atitude ante o inexora-

vel; uma atitude, diria eu, "fotográfica" ante o que ela desconhece, e, mesmo, ante aquilo que ela quer e precisa conhecer, "participando"

indiretamente com o "objeto".

Cyro se aproxima, no bom sentido de Rilke, e imediatamente lembramos:

*Euch, die ihr nie mein Gefühl verliesst,
gruß ich, antike Sarkophage,
die das frohliche Wasser römischer Tage
als ein wandelndes Lied durchfließt.*... (*)

Cecília, infelizmente, mais e mais se chega, com este seu último livro, ao nosso "impressionismo" antipático.

Cecília Meireles caminha por caminhos outros, já trilhados. Já há muito tempo, caminhamos. E nota-se isso quando ela suspira por "sonhos confusos", pelos "rumos de histórias passadas". Quando ela exige "um tumulto de anstias e de lágrimas", não

só se afasta daquela sua anterior aceção poética, mas se aproxima, no pior sentido de um Pessoa ou de um José Régio, não usufruindo destes o que de boa influencia eles poderiam ofertar-lhe. Cecília — somente canta, canta amargo mas sem convicção, canta apagado, sem se lembrar que "as lágrimas caídas no mundo nas noites amargas cercadas de muro" não são só as "vossas palavras" ou as "minhas palavras" — porém, palavras que se renovarão continuamente. Pois "todas as palavras" serão outra vez outras em um determinado instante, com validade em si mesmas, e já porisso então "sem esperanças de endereços"!

Em "Retrato Natural" há não só lugares comuns desprezíveis, mas elementos anti-poéticos, tais os "sentidos" que as metáforas tomam. O que não nos comunica nada em absoluto e unicamente respeitamos por se tratar de uma consciência poética como Cecília. Por exemplo:

*"Pequena lagartixa branca
[ca,
ó noiva brusca dos la-
[drilhos!
sobe à minha mesa, des-
[cansa.
debruça-te em meus col-
[mos livros"...*



PICASSO — MULHER DE AZUL

Contrapondo a:

"(Os mosquitos quase morrem de afinar com arcos de gase violas de cristal.)"

o poema do "Grilo" ou "Musica" ou "Som" ("Viagem", publicado em 39, respectivamente nas pgs. 128, 23, 68), cheio de leveza, impressão recarregada em vocábulos que se revivificam, ligeireza rítmica, beleza de um momento, é verdade, mas de um momento permanente — sentimos **quão** longe Cecilia se esqueceu... E, logo, entristecemos...

Me parece que, em "Retrato Natural", Cecilia Meireles procurou o chamativo; o rebarbativo; o preciosismo ("Sou eu a infanta encontrada!"; ou "Sê teu agasalho, pobre Pero Sem"); a contradição que ela sabe que jamais dominou completamente, bastando lembrar o poema em memória de minha avó, no "Mar Absoluto". E, porisso, logo, entristecemos...

Há, aqui, falta de simplicidade, de recolhimento, que tanto peculiarizava a autora de "Vaga Musica". E essa falta descamba para o fácil, para o sutilmente arranjado, para a anunciação sem qualquer aparição, o que desgosta

o leitor mais exigente, e agrada sem dúvida o leitor menos avisado. Depois de um verso como:

"Estendi meus braços e apenas acher nevoeiros esparsos",

aparece:

"A memória em pranto os ramos azuis fica procurando"...

E, finalmente, vendo que não há remédio mesmo, entristecemos muito tristemente...

Na releitura do livro de Cecilia Meireles, continuei ficando com algumas canções, das melhores de sua última produção poética. Canções que ainda ressoam em meus ouvidos e escorrem pelas paredes de meu quarto despido de espanto há tanto tempo. Penso que os poemas das pags. 7, 19, 65, 85, 91, 97, 109, 111, 121, 131, 143, 147, 157, 161 (este derradeiro com vestígios bem visíveis de Garcia Lorca), são um só livro, mais pela síntese alcançada pela poetisa; mais pela compreensão do sofrimento humano que ela sente através de si mesma; mais pela agudeza de espírito crítico, auto-crítico principalmen-

te; mais pelo uniforme de suas investigações técnicas.

Encontro na "Canção no meio do campo" primeiros e terceiros versos com rima não somente procurada e certa, mas muitas vezes bastante rica; segundos e quartos versos com rima descontrada propositadamente, tirando C. M., daí um efeito simbólico rítmico-melódico dos mais ricos que tenho visto ultimamente. O som torna-se marcante através de rebarbadas simples, alcançadas pela ligação de sete sílabas com quatro; e que se assemelha, tal junção, ao bater final de um tambor: pranto-campo; sombra-apronta; sofrendo-vento; corvo-morto.

Nesse poema só tenho uma restrição a fazer: na segunda estrofe, segundo verso, a contagem está errada. "Gritam sombra" dá três sílabas e como C. M. usou arbitrariamente um metro determinado, ou seja 7-4-7-4-7-4, etc., etc., e ela é tão preocupada com fazer bem aquilo que faz, aí vai o senão.

Páginas depois, em

(*) ["Vós, que jamais cessastes de me comover, eu vos saúdo, sarcófagos antigos, que a água jocosa de romanos dias atravessa em canção vagabunda"]

(*) (Décimo soneto a Orfeu (1) — Tradução livre).

"Apresentação", encontro novamente a mesma marcação final nos segundos versos de cada estrofe. O que lembra, instantaneamente, o respirar forçado no fim da frase musical de nossos jongos, com omissão visível das notas tônicas. (Ver, por exemplo, "Eu vou girá", colhido por Motta da Motta). As batidas com que ela termina os segundos versos são de um misto de percussão e xuxê: "vento", "lamento", "momento", "esquecimento". Sendo muito elogiável a formação, também, de solitude, sempre encontrável aqui, solitude dosada de irremissibilidade e de partida.

Com o talento que Cecilia Meireles possui, qualquer um se dispensa dos elogios convencionais, esperando que ela volte a ascender outra vez, como vinha fazendo até agora.

Ela se me afigura a verdadeira "névoa da aurora, a última espreia" que "subirá pálida".

Oxalá ela volte, a repousar sobre si mesma, "ainda mais calma que o seu grande espelho de prata"...

EÇA DE QUEIROS -- A 'SUA' PSIQUE

nada há que dizer a fim de exaltar as qualidades do livro em apreço. Resta o livro em si. A recomendá-lo, diz muito bem a primeira colocação que obteve em concurso promovido pelo Liceu Literário Português de Leitura e Casa dos Poetas, do Rio de Janeiro, concurso esse do qual foram julgadores, Afrânio Peixoto, Gustavo Barroso, Viana Moog, Clóvis

Ramalhete e Pizzarro Loureiro.

Em 172 páginas de prosa apropriada a clara o autor estuda a psique do imortal Eça em três capítulos de rara oportunidade. No primeiro, sob o título "Os traços mais vivos da vida de Eça", estão presentes as peregrinações do escritor e as mutações que as diferentes terras impu-

seram ao seu espírito. O segundo capítulo estuda "suas idéias, em irradiação estética, cultural e moral". E por fim, a "Humanidade e a linha vertical".

Um formato comodo e moderno, bem como caprichosa apresentação material contribuem para tornar o livro obra de muitos e altos merecimentos.

Em todas as boas livrarias ou pelo Serviço de Reembolso Postal, nas "Edições Melhoramentos" Caixa Postal 120-B — São Paulo.

Este recente lançamento das "Edições Melhoramentos" é uma das publicações que saem dos prelos duplamente recomendadas ao favor do publico leitor. No caso presente estão a adestar a oportunidade e o valor do livro, o tema palpitante de que trata, a figura que se propôs apresentar e o nome por todos os títulos ilustre que o assina.

O Prof. Marques da Cruz é sobejamente conhecido quer dos estudantes quer dos estudiosos. Suas ordens são várias e valiosas. A respeito de Eça de Queiroz,

Anibal Ponce e Maria Bashkirtseff

DILERMANDO LUNA

APÓS ter abordado abstratamente o problema da adolescência como confessor, Anibal Norberto Ponce, voltou-se para o caso concreto de uma adolescente e quiz como o clínico, sair dos domínios da patologia geral, para assistir o comportamento de um doente isolado, reagindo ou se sujeitando a determinada doença.

A escolhida para esse estudo, teria de ser uma adolescente que como pessoa humana tivesse por qualquer motivo se projetado na História quer como indivíduo particular, quer como prototipo de uma idade da vida humana, porque somente pela projeção histórica, o homem A ou o homem B se torna universal e passa a ser o continente dos outros tipos anônimos e o representante de tipos que lhes são semelhantes.

O médico se pretende tornar o seu diagnóstico, como o diagnóstico geral de um grupo psíquico ou somático, há de ter necessidade de procurar exemplos nas figuras históricas porque somente elas, poderão informar ao universo concretamente, uma teoria generalizante. A consciência humana é sobretudo uma consciência histórica.

Quer nos parecer entretanto que os leitores não estão aceitando facilmente o nosso ponto de vista pelo motivo seguinte: por pretendermos padronizar a humanidade pelas tipos históricos, os quais em última análise são tipos e figuras de excepção e naturalmente, surgirão censuras ao próprio Anibal Ponce por haver tentado através de Maria Bashkirtseff, reconstituir o quadro real da adolescência, quando a adolescência na maioria esmagadora dos ho-

mens exceto as alterações anatómicas e glandulares da puberdade, transcorre despercebida psicologicamente, mormente quando as injunções da vida moderna obriga o adolescente a se portar como o adulto definitivamente formado. Todavia, o que são os homens excepcionais, senão as consciências dos homens medíocres?

O homem normal e medíocre nada vê além das suas necessidades imediatas. Ele não generaliza intelectualmente e quando toma forma social definida é antes levado pelo instinto de auto-defesa que, pela exata compreensão dos problemas, só fornecida pela inteligência.

O homem normal, o homem-massa, só se descobre como homem particular, solitário e ao mesmo tempo universal e solidário pela natureza aos demais, por intermédio

do do homem genial. Daí porque as vezes, nós homens medíocres, sentimos que um poeta, um artista ou mesmo, um cientista, nada mais são, que plagiadores de sentimentos e pensamentos que acreditávamos antes haver conhecido.

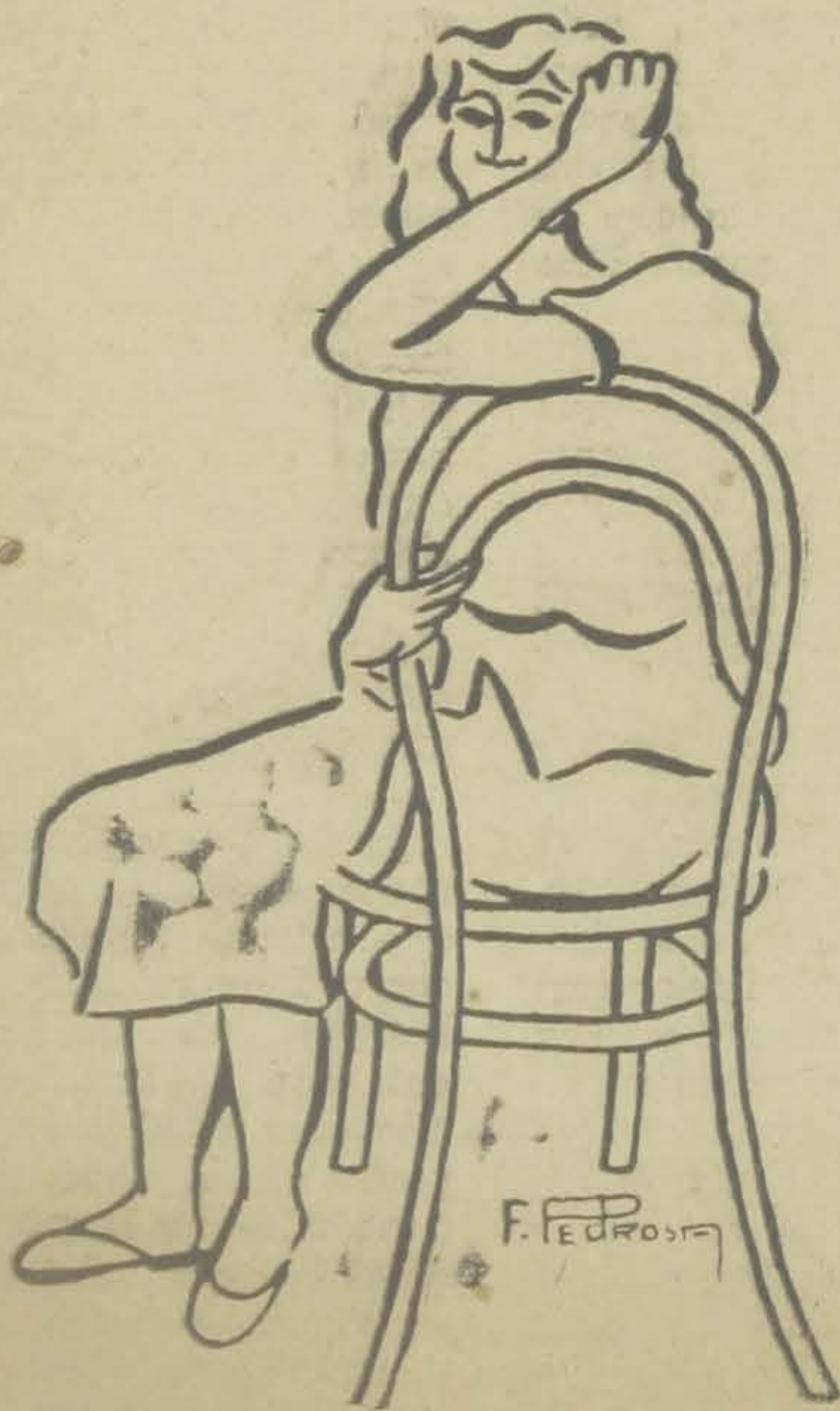
Hoje nos parece inteiramente lógico a queda da maçã pela ação da gravidade, porém antes de Newton, a maçã caía na terra porque tinha de cair ou quando muito, porque a terra era o centro do cosmos para quem não acreditava em Copérnico. Ortega y Gasset descobriu-se pela leitura de Rabindranath Tagore, escreveu acertadamente: "Dir-se-ia que trazemos em nós mesmos, inadvertidamente, toda futura poesia e que o poeta, ao chegar, não faz mais que nos sublinhar, destacar a nossos olhos o que já possuíamos. É por isto que o descobri-

mento lírico tem para nós, um sabor de reminiscências, de coisa sabida que havíamos esquecido. Todo grande poeta, senhora, nos plágia". (1)

Partindo portanto, do postulado de que os homens excepcionais são a consciência universal, chegamos ao corolário do homem histórico como padrão do homem comum e aceitamos a psicologia de Maria Bashkirtseff, como a psicologia da adolescência como quiz Anibal Ponce no princípio do seu curso, transformado em livro e intitulado: DIÁRIO ÍNTIMO DE UMA ADOLESCENTE-PSICOLOGIA DE LA ADOLESCENCIA, ed. "El Ateneo", Buenos Aires.

Como parece-nos pauperrimo, o conhecimento entre nós, dos valores espirituais da América hispânica, tentemos em poucas linhas sublinhar o nome de Anibal Ponce, para melhor valorizarmos o seu trabalho. Graças a Roberto Giusti estamos informados que Ponce era um ensaísta e educador argentino, morto não há muito no México, onde se exilara, fugindo às perseguições políticas do governo, que não via com bons olhos, as consequências da sua viagem a Rússia soviética e a influência que como professor de psicologia podia exercer na juventude portenha. Foi discípulo e amigo de José Ingenieros. Deixou vários livros que não nomearemos aqui, pedindo ao leitor somente atentar para isto: Ponce era marxista.

Pois bem, Anibal Ponce como professor universitário de psicologia, estava apto a estudar Maria Bashkirtseff, mais



DESENHO DE FERNANDO PEDROSA

cientificamente que um mero literato e enquadrar a personalidade desta adolescente eslava, dentro das classificações da psicologia normal e mesmo da psiquiatria, no entanto, assim não procedeu.

O sub-título do seu livro — Psicologia de la Adolescencia — anuncia o estudo geral dos caracteres adolescentes, mas entre o querer e o realizar, as distâncias são enormes e o livro é antes uma análise e justificação de Maria Bashkirtseff que, o caso de Maria Bashkirtseff como o caso típico da adolescência. E quem era, esta adolescente?

Uma russa, descendente de militares aristocratas, morta aos 24 anos em Paris no mês de Outubro de 1884 deixando algumas telas e um diário, celebre como documento humano. Cinco fatores distanciam logo Maria Bashkirtseff da adolescência ordinária. Tinha desde os doze anos, um diário íntimo facilmente justificável como meio de confissão tão comum na adolescência mas só procurado pelos adolescentes introspectivos; era filha única de um casal separado, vivendo com a mãe era aristocrata russa numa época em que o povo russo era simples feudo dessa mesma aristocracia; era russa e enfim tinha uma constituição tuberculosa que de fato se externou, quando abandonava a adolescência.

Quando pedimos ao leitor, guardar na memória a condição marxista de Anibal Ponce, não vivemos em vista nenhum cuidado político e clerical mas apenas, para poder conduzi-lo a esta observação: a psicologia marxista tem de ser paulada antes por causas exógenas que endógenas, isto é, a preeminência do social em relação ao psiquismo puro e o mé-

todo da extroversão sobre a introversão. Não é sem razões ideológicas o apoio oficial soviético à teoria e experimentações dos reflexos condicionados. Assim sendo, a própria psicologia fundada na herança, no sexo, ou mesmo estruturalista, deve ceder terreno quanto possível, ao meio económico e condições psico-sociais.

Anibal Ponce contudo, não quiz interpretar Maria Bashkirtseff marxisticamente e só no final da sua obra, lembrando-se talvez das suas convicções ideológicas, a viu com os seus caprichos e prejuízos, como o produto de uma sociedade individualista e capitalista. Ademais, esqueceu talvez intencionalmente, os caracteres raciais da adolescente, sempre diferenciadores de como a adolescência se realiza.

Anibal Ponce pretendendo inicialmente estudar Maria Bashkirtseff como sinónimo de psicologia da adolescência, tratou-se duplamente: tratou a sua disposição prévia e a sua ideologia, permanecendo num caso especial de como, uma adolescente em si mesma, viveu a adolescência. Porém, há também virtudes na tração e passemos a constatar-las em Anibal Ponce.

Anatole Frances que Anibal Ponce menciona, dedicou uma das suas crônicas impressionistas le LA VIE LITTERAIRE (2) a Maria Bashkirtseff. Nessa crônica, o autor de THAIS não faz nenhuma interpretação do carácter da heroína e se restringe a apresentá-la, como ela mesma se desnuda no seu diário, desmentindo mesmo a sua afirmação anterior de que: "Le bon critique est celui qui raconte les aventures de son âme ou milieu des chefs-d'œuvre" ou a sua proclamação: "Messieurs, je vais parler de moi à propos de Shakespeare, à

propos de Racine, ou de Pascal, ou de Goethe. C'est une assez belle occasion" (3).

Anatole destaca-a como artista: "Marie Bashkirtseff, dont on vient de publier le JOURNAL mourut à vingt-quatre ans, le 31 octobre 1884, laissant plusieurs toiles quelques pastels qui témoignent d'un sentiment sincère de la nature et d'un amour ardent de l'art", sublinha a sua beleza física: "Elle était petite et parfaitement bien faite", fala do diário como consequência da vaidade: "sa vanité ne pouvait s'accommoder que d'une confession publique, et c'est à la face du monde qu'elle a ouvert son âme", ou então: "Se montrer, paraître, briller, voilà son rêve perpétuel". Ao lado da "coquette" France encanta-se com a bela cabeça mobiliada de erudição: "A dix-sept ans, Marie Bashkirtseff a lu Aristote, Platon, Dante et Shakespeare" para enfim concluir ante as inquietações dessa alma desenraizada e romântica com um desejo bem burguês: "Naître, vivre et mourir dans la même maison".

Nós outros porém, que já não somos "impressionistas" e não admiramos os homens pelo que eles são mas sim pelo que incarnam, nós resumimos a figura de Maria Bashkirtseff como o protótipo dos adolescentes classificados por Spranger de "ambiciosos". Com efeito, que foi outra coisa Maria Bashkirtseff senão ambiciosa?

Anibal Ponce começa apresentando Bashkirtseff, num momento de choro. Dissimulando sentimentos ela chorava, suscitada pela música, não com saudades da pátria ou da avó, mas pensando no Duque de Hamilton, seu platónico amor, como soem ser todos os amores da primeira adolescência. Mas no sentimento deste

amor por uma personagem impossível, se exce tuarmos à procura de compensação da pouca idade, tão comum na adolescência que a faz amar sempre um ser muito mais velho, o que temos é a chave do seu carácter: subir e tornar-se conhecida. Daí em diante, todos os passos da russa têm a mesma direção. Não conseguindo se impor pelo casamento quer se impor pela voz, quando esta fraqueza apela para os pincéis e então desesperada, a morte vem deter a sua ambição.

O livro de Anibal Ponce é bem uma retificação a crônica do céptico autor de LE JARDIN D'EPICURE. Onde Anatole reconhece um amor ardente pela arte, Ponce vê neste amor um derivativo dos fracassos anteriores. Em verdade, quem foi a pintora Maria Bashkirtseff senão a transplantadora urbana dos motivos do ar livre, do "pleinairisme" de Bastien-Lepage? Os motivos que idealizou pintar antes de conhecer Lepage contrariavam a essência da natureza feminina — "No seria, en efecto, un tema magnífico para un pintor trasladar a la tela ese momento solemne de la leyenda cristiana en que José de Arimatea empuja la losa sobre el sepulcro de Jesús, mientras las dos Marias continúan absortas en su dolor sin palabras? Motivo excelente, sin duda alguna, para un Rubens o para un Delacroix, pero que el bueno y sensato Julien (*) encuentra absolutamente inapropiado para ella (4) — e os motivos que pintou, tão diferentes da sua concepção de vida — a aristocrata pintando a plebe — só teriam lugar como reação aos amantes que lhe abandonaram ou, como tentativa de originalidade procurada.

Profundamente narcisista, Maria Bashkirtseff gostava de comparar a

estatuária clássica e se descreveu como um tipo de beleza. France acreditou como vimos, nessa descrição, entretanto Anibal Ponce a viu irregular e talvez feia, escrevendo: "La naturaleza le habia dado, sin consideracion, pómulos proeminentes, nariz ancha y carnuda, labios gruesos de dibujo torpe. Apesar de su blancura casi azulina; de su cabellera esplendida, de un rubio de fuego; de sus grandes ojos de un color gris cambiante, es evidente que con esos elementos no se podia formar un rostro hermoso". (5) Ao contrario de aceitá-la como uma forte cabeça de pensamento, Ponce concedendo a Maria Bashkirtseff um pendor pronunciado para o raciocínio prático como se pode verificar de uma carta cinica e desapiedada que dirigiu a seu irmão (6), nega-lhe qualidades de pensadora abstrata e filosofica: "Las unicas referencias a Joutfroy y a Kant que se encuentran en el DIARIO, y sobre las cuales sus fanaticos hiciéron tanta bulla, son, en realidad pueriles y triviales" (7). Só mesmo, os pessimos observadores da adolescência não vêm a falta de pensamento especulativo (8) desse período biologico, pela superabundancia da memoria e do sentimentalismo isento de critica.

Diminuindo dessarte, a imagem de Maria Bashkirtseff, Anibal Ponce passa a defendê-la dos que intentaram classificá-la como personalidade absolutamente anormal e masculinizada.

O talento, é a capacidade de adaptar e acomodar, modificando-lhes a estrutura intima, os materiais hostis ás nossas necessidades. O talento do escritor está em saber se servir da vida ou do pensamento, em função aos seus pontos

de vista. Não lhe propoza descobrir a verdade que é função da inteligência, mas de demonstrar como verdades, pontos de vista que não somente seus. Uma doutrina é uma concepção pessoal tomada "a priori" que necessita de apoio, mesmo com o desvirtuamento da verdade ou com a eliminação de outros fatores. Assim compreendemos que para Freud, Maria Bashkirtseff interessaria como objeto da sexualidade, para Adler significou como ilustração da "vontade de potencia" e para Cesare Lombroso, como uma degenerada mental.

Lombroso, no seu famoso O HOMEM DE GENIO EM RELAÇÃO COM A PSIQUIATRIA, A HIS-

identificar o genio de Dostoiowski, de Flaubert e do nosso Machado de Assis como resultado desta doença de excitabilidade motora. Não sabemos até que ponto pode ser exata esta afirmação e algumas vezes levamos em consideração esta hipótese no entanto, agora achamos mais razoável a teoria da genialidade como independente da psicopatologia porque como observa Enrique Solari Swayne: "A nadie cabe la menor duda de que Rousseau, Poe, Byron, Kleist, Blake, y muchos otros no fueron, ni mucho menos, exponentes de salud mental. Pero nadie puede dudar tampoco de la salud de Tiziano, de Velasquez, de Rubens, de Rafael.

essa identificação como ainda, não aceita a teoria lombroseana escrevendo: "Todo o mundo sabe que se tem abusado demasiadamente do diagnostico de epilepsia, muitas vezes mal fundado, em personalidades historicas seletas. Está ainda por se averiguar a custa de cuidadosas investigações, até que ponto pode se assinalar nas poucas pessoas geniais (Dostoiowski) relações essenciais entre o tipo psiquiatrico e o genio criador, em sentido positivo e não no menoscabo do genio pela enfermidade" (10).

Pois bem, no seu afã de descobrir a degenerescencia no genio, Lombroso não esqueceu de incluir Maria Bashkirtseff quando se ocupou das mulheres geniais que, como observa Anibal Ponce nada tinham de genialidade — "genios como Mme. Pompadour, Du Barry, Maitenon, — e viu na adolescente russa um caso flagrante de epilepsia, loucura moral e masculinismo, partindo da consideração de que ela era uma pintora genial.

Aqui então, surge Anibal Ponce como um defensor e rehabilitador porque Maria Bashkirtseff como já vimos, era apenas uma discipula em arte e o genio é aquele que abre caminhos e cria estilos. O genio é o precursor e conseqüentemente fica posta em terra, o mito da genialidade, criado por Lombroso.

A epilepsia larvada, se manifesta como uma brusca parada do consciente; a vitima de uma crise dessa natureza sem perder a vida de relação, fica privada contudo da autorcritica assassina sem conciencia moral do assassinar e nas manifestações de furor em Maria Bashkirtseff, Anibal Ponce constatou motivos razoáveis, se atentarmos para os seus ancestrais, gente "brava, tenaz,

R E P O U S O

DARCY DAMASCENO

N O CORPO DA AMADA
ME DEITO E ME ESQUEÇO.
SÃO PRAIAS SEM TERMO,
DE BRANCO E MORMAÇO.

NÃO IMPORTAM AS BRISAS
SOPRANDO DAS ILHAS,
SE AQUI ME DEITEI
E UM DIA FUI CONCHA.

AO CORPO DA AMADA
POR MARES CHEGUEI
E NELE ME ESQUEÇO.
SARGAÇO QUE SOU.

(NO PEITO DA AMADA,
EM DOIS BÚZIOS TRISTES,
MARULHA A SAUDADE
DE UM MAR NUNCA VISTO).

TORIA E A ESTETICA, desenvolveu a tese do estreito parentesco entre o genio e o louco e da genialidade como equivalente á epilepsia nas suas formas larvadas e á loucura moral. Para o psiquiatra italiano, o genio era uma modalidade de doença mental e a geniologia passava a ser, um capítulo da psicopatologia.

Seguindo a teoria lombroseana, se quiz ver como causa precipua da genialidade, a epilepsia e muitos ainda tentam

Luego, el genio puede ser sano y puede no ser sano". (9)

Certamente, tipos corporais como Dostoiowski Machado de Assis e Flaubert, astenicos os dois primeiros e atlético o ultimo, ferem a nossa visão quando pensamos, ou melhor, associamos á outros tipos epilepticos vulgares e conhecidos nas nossas vidas cotidianas, todavia Ernst Kretschmer, na sua classica obra CONSTITUIÇÃO E CARATER não só, não nos autoriza a

alta e até para a sua condição de filha mimada, para a sua hiperemotividade e para o seu orgulho.

O que Lombroso chamou de loucura moral em Maria Bashkirtseff, não foi senão o desconhecimento das revoltas da adolescência contra o meio que a cerca, geralmente composto de pessoas mais idosas de uma outra geração porque o problema da inadaptação da adolescência é o mesmo problema das gerações conflitantes. E o que nela viu como masculinismo, foi tão somente um erro intencional de interpretação, porque a ninguém é desconhecido o sentimento de inferioridade da mulher em face das liberdades masculinas ou, da sua condição sexualmente passiva e em consequência, o desejo de atingir esta liberdade e suplantá-la pela mudança do sexo.

Vimos que Anibal Ponce, rejeitando Adler, Freud e Lombroso, quiz ver em Maria Bashkirtseff uma personalidade psíquica normal e uma adolescente típica do seu temperamento, da sua educação e classe social. Entretanto, como psicólogo não tomista, como psicólogo que interrelaciona o psíquico com o fisiológico e mesmo o patológico não poderia terminar sem considerar as relações da tuberculose com as nuances da adolescência de Maria Bashkirtseff, já que esta descendente de tuberculosos, era uma predisposta.

Kretschmer, na sua obra citada, geralmente só tomou como observação e exemplificação elementos masculinos, tendo em vista a escassez de diferenciação morfológica na mulher. Infelizmente, não temos dados precisos para afirmarmos se a estrutura corporal de Maria Bash-

kirtseff preponderava para o biotipo pênico ou leptosomático. A objetividade do seu quadro mais conhecido, O METING e o fato de só ter escrito em prosa, conquanto tenham existido prosadores marcadamente astenidos como Eça de Queiroz e mesmo esquizotímicos, pode levar-nos a considerá-la temperamentalmente ciclotímica, no entanto, pela complexidade do seu "Ego" temos sobrados motivos para classificá-la como esquizoide ou mesmo esquizofrênica, principalmente quando o ilustre professor da Universidade de Marburgo apontou a tuberculose (12) como irmã da esquizofrenia e o que daria lugar, a que Anibal Ponce verificasse sob este ângulo, o mal de Maria Bashkirtseff, o que não o faz preferindo Landouzy (13) quando identificou os predispostos por esse aspecto chamado "veneziano", isto é, jovens de pele branca-rosada, muito fina deixando exteriorizar vasos azulados, carnes flácidas e perfil delicado. Porém, não ficou nisto.

Tentando melhor caracterizá-la como adolescente - constitucionalmente tuberculosa, passa abstratamente a consignar as três fases da psicologia do impregnado: primeira, a precocidade intelectual da infância com um acentuado erotismo e refinamento estético, depois o amor à auto-análise e vontade de ação e finalmente, por um estado de euforia que o faz, apesar de conhecedor da morte próxima, um sequioso de vida.

Quer nos parecer contudo que Anibal Ponce não tencionando erigir em dogmas observações empíricas, vê o quanto é vulnerável as caracterizações desses três períodos, todavia no caso de Maria Bashkirtseff eles se ajustam e lamen-

tamos não concordar com o próprio autor quando, procurando desfazer as observações enunciadas (14) subtrai o caso de Maria Bashkirtseff do esquema geral porque mesmo reconhecendo nela aquelas tristezas sem causas e fadiga de viver dos temperamentos minados pela tísica nós queremos ver este "spleen" existente em Maria Bashkirtseff quando escreveu: "Dans ce monde, tout ce qui n'est pas triste est bête, et tout ce qui n'est pas bête est triste".

Sentindo, termos contrariado Anibal Ponce, chegamos ao fim do nosso trabalho e Maria Bashkirtseff ficará para nós como o protótipo da adolescência constitucionalmente tuberculosa, concluindo assim dogmaticamente o que, o escritor argentino, com mais infinita autoridade, apenas esboçou e não quis transformar em tese universal. Que nos perdoe o autor e os fisiologistas.

Post-scriptum: Concluindo o presente artigo, tivemos o prazer de ler a entrevista do psiquiatra Gregorio Bermann, à imprensa do Rio de Janeiro. O ex-professor argentino que é homem de esquerda, acha que a psicoanálise sendo anti-econômica é impotente para a exata avaliação da delinquência e dos fenômenos coletivos, considerando ao mesmo tempo, que a mesma declina em favor da socio-psiquiatria e da medicina psico-somática. Não comungamos em tudo com Gregorio Bermann, por que somos ecleticos, no entanto pensamos que a sua entrevista velu corroborar, nossa observação neste artigo de que, a psicologia marxista deve se pautar na vida exterior, na precedência do social sobre o individual, das causas exógenas sobre as endógenas.

(1) Ortega y Gasset

— "Estafeta Romântica — Um Poeta Indo" — (OBRAS COMPLETAS, Madrid 1947, tomo III).

(2) Anatole France — "Marie Bashkirtseff" — (LA VIE LITTÉRAIRE, Paris tomo I).

(3) Anatole France — LA VIE LITTÉRAIRE, tomo I.

(4) Anibal Ponce — DIÁRIO ÍNTIMO DE UNA ADOLESCENTE, pg. 118.

(5) Anibal Ponce — DIÁRIO ÍNTIMO DE UNA ADOLESCENTE, pg. 56.

(6) Anibal Ponce — DIÁRIO ÍNTIMO DE UNA ADOLESCENTE, pg. 82.

(7) Anibal Ponce — DIÁRIO ÍNTIMO DE UNA ADOLESCENTE, pg. 86.

(8) O assunto foi por nós referido anteriormente em CARTA ESPANHOLA A UM ADOLESCENTE, Janeiro de 1947.

(9) Enrique Solari Swayne — "Geniologia — Esquema de uma incipiente disciplina psicológica" in LAS MORADAS, Lima n.º 3, 1948.

(10) E. Kretschmer — CONSTITUCION Y CARACTER, ed. Barcelona 1947, pg. 78.

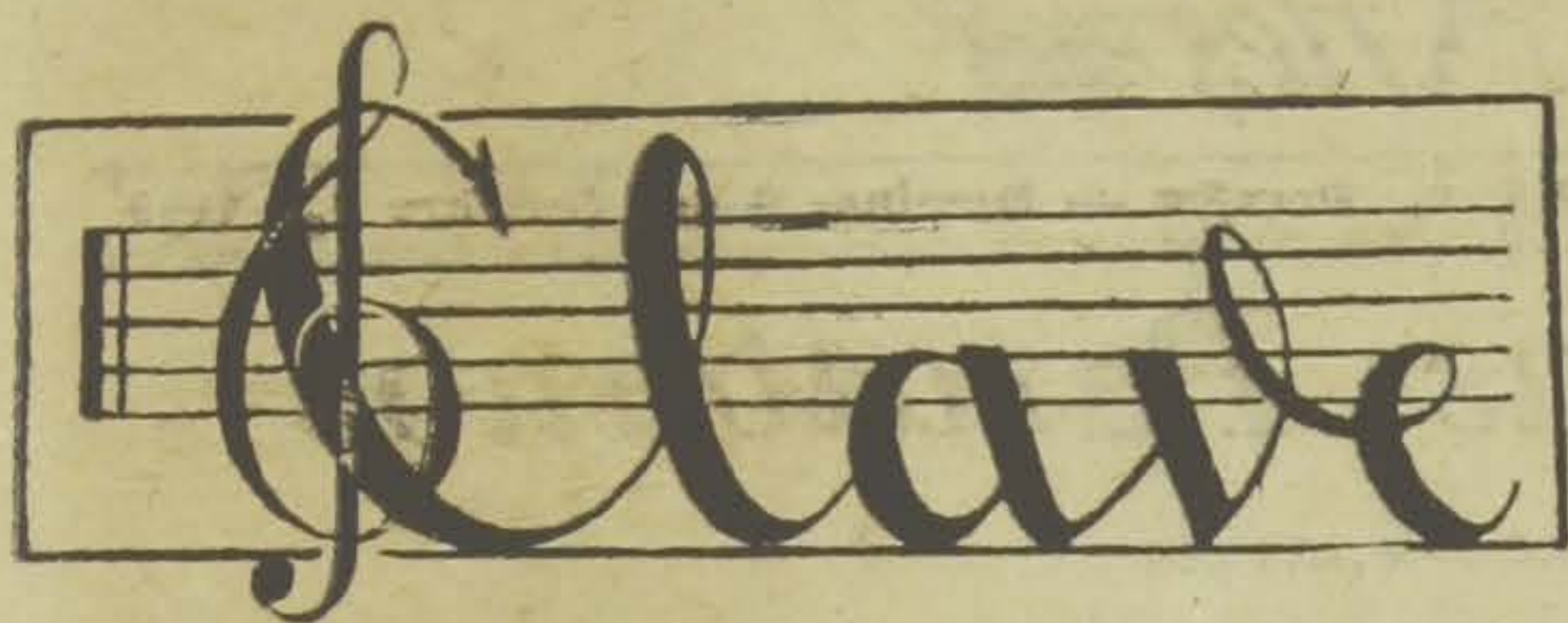
(11) Maria Bashkirtseff — DIÁRIO.

(12) Obra citada, pg. 116.

(13) Landouzy — Predispositions tuberculeuses. Terrains acquis et innés propices à la tuberculose, in REVUE DE MEDECINE, Paris 1899.

(14) Anibal Ponce — DIÁRIO ÍNTIMO DE UNA ADOLESCENTE, pgs. 153-154.





ANACRONISMO MUSICAL

JOÃO DA VEIGA CABRAL

Tive ocasião de olhar, ha poucos dias, algumas partituras, contendo composições de um músico conterrâneo. Esse compositor reside, faz muito tempo, na Capital Federal. É competente, acatado, detentor de vários cursos superiores da arte e da ciência musical. Sabe e ensina — e isso é bem conhecido — técnica musical a muita gente boa, lá pelo Rio de Janeiro.

As composições da sua lavra que me chegaram às mãos revelam, entretanto, ao exame mesmo de um amador como eu, que o compositor é um homem cujo espírito se mantém inteiramente alheado ao século e à terra em que vive. As partituras em apreço, pequenas peças muito bem escritas (excelentemente bem escritas!) poderiam figurar no repertório de um ligeiro concerto festivo, de aniversário, no salão dourado de um príncipe ou barão dos séculos XVIII ou XIX... Formas, harmonização, temas e fraseado melódico, tudo, tudinho de um classicismo temperado á romantica da melhor marca registrada. Ha, então, entre as referidas peças um "largo" e um "minuêto" que nos transportam, em alma e olfato, aos punhos de rendas, às cabeleiras empoadas, ao requintado cheirinho de rapé da era do rococó. Haydn, Mozart, Beethoven, até o Nicolau Porpora estão perfeitamente presentes, diluídos e bem

misturados na inspiração e na construção do inefável classico tabajara.

O minuêto em foco é uma beleza, não tenho dúvida nenhuma. Direitinho um minuêto de verdade, daquele que continha, na forma e na essência, todo o fino aristocratico conceito de vida que caracterizou o espírito europeu, antes que as patas da Revolução Francesa o desviasse para caminhos mais humanos e mais reais. O "largo" e as outras composições que me foram mostradas — também bonitas — não desmerecem a competencia musical do seu autor.

São, todas, excelentes exercícios de composição. Obras de arte é que jamais serão. Nada acrescentem, no monumento que os gênios do passado construíram para a eternidade. Nenhum sentido possuem, diante da música e da alma, tão diferentes, da nossa terra e do nosso século. Flores murchas de uma grande arvore já morta, cujos frutos magníficos foram colhidos no seu devido tempo. E frutos que estão aí, ao nosso alcance, a ninguém interessando os artificiais, as imitações que, da espécie, ainda possam surgir.

O nosso Século tem a sua música. Como tem a sua literatura, a sua pintura, a sua arquitetura, a sua poesia. E o nosso povo possui um tesouro folclórico grandioso, quasi ainda vir-

gem, digno de lastrear uma arte de gênios. A musicalidade brasileira é um fato e dela está surgindo uma nova e forte música para o mundo. Rítmos e melodias cheios de encantos, de ardentes sugestões, colhem-se por toda parte, como flores

silvestres. Uma nova e poderosa inspiração musical pode ser encontrada em tudo: na natureza, nos seres, nas tradições populares.

Por que ainda existem cegos e surdos que escrevem minuêtos?

(Conclusão da última página)

Alto, esbelto, soberbo... e resistia
Todo rancor do rígido pampeiro!

Depois, fragil, sem vida se sentia,
Pois, lentamente, o velho mar traiçoeiro
Todo o seivoso pé lhe carcomia,
Para vê-lo cair como um guerreiro!

E, numa tarde lúgubre de agosto,
Fê-lo tombar exânime, na areia,
Envolto na penumbra do sol pôsto...

Houve uma cena trágica e sublime:
Chorava, de saudade, a maré cheia...
De certo o mar se arrependeu do crime!

II

Quando a manhã seguinte despertava
Cheia da luz do sol doirando a praia,
Pungia a dôr airoz que ressaltava
Do lamentoso grito da jandaia!

Era o coqueiro a viride atalaia
Do jangadeiro que do mar voltava...
E, entre espumas de arminho e de cambráia,
O mar, de arrependido, soluçava!

E foi o seu remorso tão profundo
Que arrebatou a vítima inocente
Para não vê-la às irrisões do mundo...

E no seio do mar, que o beija e banha,
Dorme o coqueiro, outrora viridente,
Como um rei destronado em plaga exorhan!

A GAIVOTA

Ao vê-la, assim, mirar-se n'agua,
penso ver a dúvida humana...

A. TEOPHILO

Desce ao mar... sóbe ao céu... bordeja o espaço...
Das vagas e do vento escuta o enrêdo...
Vôa... até onde estreitam-se, em segrêdo,
Os céus e os mares, num fraterno abraço!

Para o sublime itinerário, cêdo,
Marca-lhe a aurora o luminoso traço...
E ao pôr do sol, exausta de cansaço,
Vae, tranquila, dormir sobre o rochedo!

Ditosa sorte a de viver sozinha,
Na triplice beleza feiticeira:
Céus, penedia e solidão marinhal...

E vôa... e na ilusão, deixando as fráguas,
Julga vêr uma eterna companheira
Na própria imagem que revê nas águas!

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

AMERICO FALCÃO

1880 — 1942

Américo Augusto de Souza Falcão, nasceu na Praia de Lucena, município de Santa Rita, a 11 de fevereiro de 1880. Fez seus primeiros estudos no Liceu Paraibano. Bacharelou-se, depois, pela Faculdade de Direito do Recife, em 1908. Ocupou vários cargos públicos como sejam: redator da "A União", diretor da Biblioteca Pública, etc. Era um dos sócios do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano.

Faleceu no dia 9 de abril de 1942.

Publicou: "Auras Paraibanas", Ceará — 1898; "Praias" — Paraíba do Norte — 1908; "Naufragos" — Paraíba do Norte — 1914; "Visões de Outrora" — Paraíba do Norte — 1924; "A Rosa de Alençon" — Imprensa Oficial — Paraíba — 1928; e "Solúcos de Realejos" — Paraíba — 1934.

Deixou inédito: "Areias Alvas", trovas, e "Lorvôres Antigos", sonetos.

V Ê S ?

Já foi bonita essa mulher que passa,
Essa mulher que vês, assim velhinha,
Já foi outrora o símbolo da graça
Quando no rosto mocidade tinha!

Era nobre mulher de fina raça,
Quando entre galas orgulhosa vinha,
Magnetizava a multidão da praça,
Reverberando risos de Rainha...

Vejo-te agora nas manhãs da vida,
Dizem também que és símbolo da graça,
Que és uma estrela dos Azues caída...

Mas... quando velha andares pela praça,
Há de dizer a multidão sentida:
Já foi bonita essa mulher que passa!

NAUFRAGOS

Eu, timoneiro audaz, parti, cantando,
Na galéra de sonhos, pela vida,
O lindo e imenso mar atravessando...
Vento largo... bonança indefinida...

Do mar a superfície adormecida
Que o sol beijava rutilo, raiando,
Era uma veiga azul toda florida
De espuma leve em floculos bolando.

Fazendo rumo ao porto da ventura,
Mostrou-se o céu de plumbea face adunco
E a galéra perdeu-se em noite escura...

Ai que momentos lúgubres, medonhos!
Nautas da crença, eu não me esqueço nunca,
Do naufragio sinistro dos meus sonhos!

GAMELEIRA DA PRAIA

I

Era a frondosa gameleira,
Que triste assim morrendo vae,
Uma grande alma hospitaleira,
Doce refúgio de meu pael...

II

Numa formosa e sonhadora aldêa,
Onde tive meu berço venturoso,
E onde me disse a voz da maré cheia
O seu eterno poema sonoro...

Lá, num recanto plácido e saudoso,
Onde a lua silente o mar prateia,
Feliz, tecendo o enrêdo luminoso
Dos mistérios fataes da noite meia,

Vi o quê viste pela vez primeira:
Folhas pelo ar, bailando, em doce calma,
Folhas de uma frondosa gameleira...

Que em silêncio, tristíssima e vencida,
Sentia a dôr de lhe fugirem d'alma
As derradeiras ilusões da vida!

III

Contou-me um jangadeiro de Lucena
Que, a verde gameleira de meu pae,
Como quem cumpre dolorosa pena,
Lentamente, a sofrer, morrendo vae...

Não desejo pensar no horror da cena...
Dizem que o vento, quando a noite coe,
Triste, murmura, numa voz serena:
Mares do meu amor, chore... chorael...

Quando exausta ficar a árvore antiga,
Ao lamento das auras infelizes,
Scudosa há de tombar na patria amiga...

E, como preito, desse amor ardente,
Há de deixar as morbidas raízes
Abraçadas á terra, eternamente!

VENCIDO

Ao padre Manoel Otaviano, homenagem ao seu talento.

I

Há longos anos, num pontal, vivia,
Firme, na creia, intrépido coqueiro,

(Conclui na pagina 15)